

NUCAES: rompendo muros



Coletânea Rede Rizoma n° 5

 editora **IFPB**



Pró-Reitoria de
Extensão e Cultura

Reitor do IFPB

Cícero Nicácio do Nascimento Lopes

Pró-Reitora da PROEXC/IFPB

Maria Cleidenédia Morais Oliveira

Diretor da Editora/IFPB

Carlos Danilo Miranda Regis

Organização e editoração da obra

George Glauber F. Severo e Beatriz A. de Sousa

Comitê Editorial da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC)/IFPB

Portaria 43/2020/ PROEXC/REITORIA/IFPB

- George Glauber Félix Severo - Presidente
 - Beatriz Alves de Sousa
 - Edilson Ramos Machado
- Maria José Batista Bezerra de Melo
 - Mellyne Palmeira Medeiros
 - Veronica Maria Rufino de Sousa
 - Alexandra Cristina Chaves
- Maria Tereza de Souza Neves da Cunha
 - Daniel Everson da Silva Andrade
 - Ariana Silva Guimarães

Wiliane Viriato Rolim
Tatiana Losano de Abreu
Rômulo Leite Amorim

NUCAES: rompendo muros

João Pessoa, PB
Editora IFPB
2020

Copyright ©2020 por Wiliane Viriato Rolim, Tatiana Losano de Abreu e Rômulo Leite Amorim. Qualquer parte dessa obra pode ser reproduzida, desde que citada à fonte.

Disponível também em: <editora@ifpb.edu.br>.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA (IFPB)

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Jair Messias Bolsonaro

MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Milton Ribeiro

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Ariosto Antunes Culau

REITOR DO IFPB

Cícero Nicácio do Nascimento Lopes

PRÓ-REITORA DE ENSINO

Mary Roberta Meira Marinho

PRÓ-REITORA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

Silvana Luciene do Nascimento Cunha Costa

PRÓ-REITOR DE ASSUNTOS ESTUDANTIS

Manoel Pereira de Macedo Neto

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

Pablo Andrey Arruda de Araújo

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA

Maria Cleidenédia Moraes Oliveira

DIRETOR EXECUTIVO DA EDITORA

Carlos Danilo Miranda Regis

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Thaise Marques de Lima

LOGO DA REDE RIZOMA

Fernando A. A. de Macêdo Júnior

Todo conteúdo dessa obra é de inteira responsabilidade dos seus autores

Dados Internacionais de Catalogação- na -Publicação (CIP)

Biblioteca Nilo Peçanha IFPB Campus João Pessoa

R748n

Rolim, Wiliane Viriato.

NUCAES: rompendo muros / Wiliane Viriato Rolim, Tatiana Losano de Abreu e Rômulo Leite Amorim. - João Pessoa, PB: IFPB, 2020.

40p. il.

Formatos: impresso e e-book

ISBN: 978-65-87572-17-8

1. Extensão /IFPB. 2. Núcleo da rede rizoma/IFPB: extensão em tecnologia. I. Tatiana Losano de Abreu. II. Rômulo Leite Amorim. III. Título.

CDU 377.4



CONSIDERAÇÕES SOBRE A COLETÂNEA REDE RIZOMA

Desde 2014, a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura do Instituto Federal da Paraíba (PRO-EXC/IFPB) vem desenvolvendo uma proposta popular e autogestionada de extensão como parte do seu Plano de Promoção de Políticas de Extensão. Trata-se de uma política de reconhecimento e fortalecimento de coletivos acadêmicos que se materializa por meio da criação e expansão de núcleos de extensão, representando a ponte necessária para que a Instituição chegue até a sociedade de forma mais eficaz. Isso contribui não só para atender às demandas das comunidades, mas também, proporciona aos docentes, técnicos-administrativos e estudantes a oportunidade de experimentar e vivenciar a realidade extramuros do IFPB.

Os “Núcleos de Extensão da Rede Rizoma IFPB: tecnologia em extensão” compõem um conjunto organizado e estruturado de ações extensionistas articulada com os *Campi*, de forma a garantir a sustentabilidade e continuidade das ações desenvolvidas pelos extensionistas dessa Instituição. Com objetivo de incentivar a produção e disseminação das experiências resultantes das atividades de extensão e cultura, em 2017, foi idealizada uma série de publicações denominada “Coletânea Rede Rizoma” com a linha editorial voltadas aos núcleos de extensão, publicando na época, os dois primeiros números dessa série.

Os processos metodológicos e pedagógicos, que permeiam as publicações dessa coletânea, contemplam a memória das ações dos núcleos, ao passo que evidenciam as relações dialógicas estabelecidas com seus parceiros sociais, na perspectiva de uma extensão cidadã, com participação ativa de estudantes, contribuindo para uma formação profissional e tecnológica contextualizada aos dilemas sociais, culturais, ambientais e econômicos locais.

Assim sendo, é com grande prazer que o Comitê Editorial da PROEXC está editando mais **seis números** dessa Coletânea, reafirmando o compromisso de registrar, divulgar e socializar os conhecimentos gerados no âmbito dos núcleos de extensão, contribuindo para uma reflexão sobre os sentidos, as lições aprendidas e os saberes produzidos na forte interação Instituto e sociedade. Aproveitamos o momento para agradecer aos(as) autores(as), aos(as) organizadores(as), aos(as) avaliadores(as) e a todos(as) que de alguma maneira contribuíram para feitura dessas obras. Por fim, desejamos uma boa leitura a todos(as).

Comitê Editorial da PROEXC



APRESENTAÇÃO

Wiliane Viriato Rolim

O Núcleo Catalisador de Empreendimentos Solidários (NUCAES) foi implantado por meio do edital da PROEXT 008/2015, publicado pela então Pró-Reitoria de Extensão do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), com o objetivo de desenvolver e adaptar ferramentas de gestão como forma de fomentar práticas de cooperativismo solidário no brejo paraibano, desenvolver ações para promover a autogestão e praticar a formação continuada para a autonomia, de maneira a proporcionar a melhor gestão de cooperativas solidárias em um contexto de formação para o pensamento crítico e para a proatividade.

Porque, na verdade, tudo começou no Encontro de Extensão e Cultura (ENEX) de 2013, quando Paul Singer, do alto do palco de auditório José Marques, falou ao IFPB: Vá e seja feliz! Que seja, desenvolva seu trabalho na construção de um mundo melhor por meio da Economia Solidária. Naquele mês de setembro de 2013, no Espaço Ciência, eu conheci o livro “Mãos que constroem vidas: relatos de experiência”, que traz toda uma história de um trabalho laboriosamente realizado nos anos anteriores.

Em 2014, fizemos o lançamento desse livro durante a aula magna do programa Mulheres Mil no IFPB – *Campus* Guarabira e, naquele ano, foi realizada uma Formação em Economia Solidária para o curso superior de Tecnologia em Gestão Comercial e nos cursos Mulheres Mil, pautados na formação para a autonomia em sua origem. Percebemos que a cooperativa solidária é a proposta mais justa na luta pelas formas de organização e que seria a metodologia mais adequada para colocar nossas “meninas” no setor produtivo da sociedade. Não se trata de inclusão no mercado de trabalho, não somos mercadoria! Nosso trabalho no 18º REDOR/2014 fala isso muito bem. Não queremos patrão, somos cooperadas!

¹ BATISTA FILHA, M. J. T.; MARTINS, M. L. R. da S.; GUIMARÃES, V. M. G. *Mãos que constroem vidas: relatos de experiência*. João Pessoa: IFPB, 2012.

De lá para cá, foram muitas feiras, muitos ENEXs, Simpósio de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação (SIMPIF), Encontro de Incubadoras de Economia Solidária (ENIES), oficinas, parcerias, visitas de campo, projetos, ações extensionistas concretas, face a face, ombro no ombro, fotos, almoços, lanches. Vai ter coffee break? Quem vai trazer o lanche? Atas, reuniões, registros, mapas de atividades. Avaliações do processo. Levantamento do índice de satisfação dos envolvidos. Mapeamentos, questionários, noites em claro, artigos, encontros, INTEGRASOL... Histórias não faltam pra contar. O sabão, o pano de prato, o forno à lenha, a galinha capoeira, a arte feita de cabaça, as três edições do INTEGRASOL, o Fórum de Economia Solidária de Guarabira e região etc. Agora, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), a pandemia, a dificuldade de comercialização.

Nosso trabalho pauta-se na teoria e na prática das propostas da economia solidária, tal qual preconizada por Paul Singer e, pedagogicamente, atuamos na linha da formação para a autonomia, que pontua toda nossa ação extensionista e garante que toda ação do NUCAES se caracterize como ensino/pesquisa/extensão, sendo realizada ao mesmo tempo/agora, uma experiência crucial de curricularização da extensão. Mas isto é conversa para uma outra hora, à luz de um outro candeeiro e, nesse livro, não nos eximimos de discutir a indissociabilidade.

Trata-se de uma obra pluriautorial. Se, por questões canônicas, faz-se necessário nomear duas autoras institucionalmente legalizadas, esse livro é fruto de uma ampla parceria que se deu em campo nesses últimos cinco anos. Todos nossos alunos, parceiros, convidados, egressos, companheiros de luta, grande Luciel, Graça, Aginaldo... não dá pra nomear. Vou prestar meu tributo a o Mestre Rômulo Amorim, sem o qual nada disso teria sido possível. Patrício é o grande autor desse livro. Literalmente falando. Sem os egressos, de toda natureza, grande Ana, esse livro não estaria aqui. Nem o NUCAES. Mãos à obra, O trabalho continua, companheiros.

² 18º Redor - Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações Gênero, realizado em 2014, com o tema “Perspectivas feministas de gênero: desafios no campo das militâncias e das práticas, na Universidade Federal Rural de Pernambuco.

SUMÁRIO

1 A INDISSOCIABILIDADE ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO.....	7
2 A ECONOMIA SOLIDÁRIA.....	20
3 FORMAÇÃO PARA A AUTONOMIA.....	14
4 NUCAES: SURGIMENTO E TRAJETÓRIA DE ATUAÇÃO.....	19
5 À GUIA DE CONCLUSÃO.....	38

1 A INDISSOCIABILIDADE ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Ana Cristina Batista

O processo de expansão do IFPB rompe as fronteiras territoriais polarizadas, conseguindo chegar aos recantos e rincões do sertão paraibano, outrora conhecido e reconhecido, apenas, pela tragédia da seca e da pobreza socioeconômica. Tais condições, marcadas pelo analfabetismo e pela falta de oportunidades, coíbiam o trabalhador, o filho do homem do campo, até mesmo de sonhar.

O acesso ao IFPB significa uma possibilidade de superar as lacunas da histórica dualidade na formação do sujeito, ora voltada à formação geral, ora para o trabalho, pelo fato de inserir-se numa instituição educacional cuja missão é oferecer educação profissional, tecnológica e humanística, em todos os seus níveis e modalidades, por meio do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, buscando promover a formação de cidadãos para atuarem no mundo do trabalho e na construção de uma sociedade inclusiva, justa, sustentável e democrática.

Portanto, o processo ensino-aprendizagem no IFPB toma como ponto de partida a produção de conhecimentos em sua dimensão histórico-cultural, assumindo o trabalho e a pesquisa como princípios educativo e pedagógico. Dessa forma, compreende a relação entre a vida humana (prática social) e a produção/instrução escolar, Nessa perspectiva, a produção de conhecimentos articula ensino, pesquisa e extensão, à medida que conhecer torna-se necessidade para o homem/estudante produzir-se e produzir sua existência por meio dos processos produtivos.

É com base nessa compreensão que o NUCAES propicia, por meio de reflexões dialógicas, o entendimento de realidades e problemáticas diversas, com vistas à práxis. Assim, instiga a curiosidade para transcender do senso comum ao senso crítico/científico, à desmistificação, por meio do conhecimento que transita pelo ensino, pesquisa e extensão, como princípio fundante da ação educativa do IFPB *Campus* Guarabira. Esse núcleo, que poderia ser chamado de espaço de estudos/investigação, procura ir além por encrostar histórias de luta e desnaturalizar a alienação, os conflitos, as desigualdades sociais, num processo formativo de consciência político-cidadã.

Desse modo, constitui-se compromisso ético-político com a formação emancipatória do estudante, criar possibilidades de transformar realidades por meio do ensino-aprendizagem, cujo processo deve ser planejado, avaliado, repensado, reinventado para além da dimensão cognitiva-científica, sobretudo, promover essa aproximação entre o campo do conhecimento

e da sociedade perpassa pela função social da instituição educacional IFPB. Entende-se que tal função se realiza ao relacionar e integrar conhecimentos que favoreçam a compreensão da cultura como produção de ciência e processo/produto das relações, diálogo e convivência, constituídos em sua realidade de mundo, e, portanto, com sentido próprio. Com base nessa perspectiva, cultura e conhecimento constituem-se como produção humana, elaborados/construídos historicamente pelo trabalho educativo, contribuindo para melhorar as relações e visões de mundo e entre as pessoas. Sendo assim, é possível transformar a sociedade e a realidade pela apropriação de conhecimentos e sua aplicabilidade na vida.

Romper os muros da escola por meio de ações extensionistas que constituam legitimamente o proposto pela legislação, como a curricularização da extensão enquanto prática efetiva da indissociabilidade do tríduo acadêmico de construção do conhecimento, só se faz alicerçado em parcerias sólidas que realmente compartilhem seus saberes próprios numa doação verdadeira de alegria, honestidade, inteireza, espontaneidade e respeito mútuo e coletivo. Essa é a base do verdadeiro mutirão comunitário. Aquele que construiu a Passagem da Pedra Molhada, no Caboclo. Aquele que constrói a felicidade dos participantes no processo: alunos, comunidade, entidades de apoio, instituições públicas, pessoas que doam seu trabalho voluntário por puro amor.

No início, nossos parceiros eram os demandantes e as entidades de apoio. Os demandantes eram as prefeituras, por meio dos Centros de Referência em Assistência Social (CRAS), que firmaram convênio com o IFPB para a realização de cursos de formação inicial continuada para a população em situação de vulnerabilidade social. Esse foi o Mulheres Mil, em 2014. Assim, conhecemos o Mutirão e o Caboclo, dois espaços geográficos na cidade de Guarabira: duas territorialidades. O Mutirão é o bairro vizinho ao lixão, onde residem trabalhadores que sobrevivem da catação de resíduos sólidos no lixão de Guarabira. Foi ali que, em 2014, ministramos o curso FIC de Reciclador dentro do Programa Mulheres Mil. Desse curso neste bairro de Guarabira surgiu o Sabão Guerreiro, produzido pelas Mulheres Guerreiras do Mutirão. Grande Bastinha, Sebastiana Gonçalves, nossa parceira forte, tenaz, decidida, pulso que acreditou e fez acontecer.

A Associação de Moradores do Sítio Caboclo, território no arredor da cidade, recebeu o curso de Associativismo e Cooperativismo naquela época. O galpão que havia sido levantado para ser sala de aula noturna transformou-se no restaurante mais gostoso do mundo, o Sabor Camponês, e, nesses cinco anos, muita coisa aconteceu nesse espaço rural abençoado. ArteCabaça, produtos alimentícios feitos com os insumos da comunidade: coxinha de

batata doce, pastel de massa de macaxeira. Tudo com a deliciosa galinha capoeira. E agora, temos um forno à lenha. Fornadas de produtos deliciosos. Ainda vamos aprender a fazê-los declinando da horrível farinha de trigo enriquecida com ácido fólico (veneno) em favor das massas feitas a partir da macaxeira e da batata doce.

No Caboclo, foi realizada uma feira de economia solidária, à qual compareceu a então secretária estadual da economia solidária, Ana Paula de Souza Almeida, que disse da necessidade da realização de um mapeamento dos empreendimentos para demonstrar a necessidade de um espaço de comercialização dos produtos da agricultura familiar em Guarabira. Com o mapeamento realizado, surgiu a demanda de um trabalho de integração dos empreendimentos mapeados: o INTEGRASOL. Nos debates do INTEGRASOL, aflorou a demanda pelo fórum.

O Fórum é um organismo do movimento social. A coordenação é constituída por 70% (setenta por cento) de empreendimentos solidários (associações, cooperativas e grupos) e 30% (trinta por cento) de entidades de apoio. As entidades de apoio são e sempre foram nossas grandes parceiras. SEDUP, CÁRITAS, MST, CPT, a Rede de Bancos Comunitários, Izquel Brasil. Tenho certeza que vou esquecer, não vou lembrar, não tem jeito de lembrar de todos os parceiros. Desculpa aí.

E de todos os voluntários que doaram trabalho, energia, alegria, boa vontade, conhecimento, tecnologia... Liliane de Albuquerque Silva Fell que ensinou a fazer coisas deliciosas; Adriano Dias Araújo que ensinou a arte *naïf* em tecido; Maria Lúcia Ribeiro da Silva Martins que ensinou a fazer sabão; Márcia Cristina da Silva, nossa *designer* querida que criou a logomarca e o rótulo, num trabalho delicado e primoroso; Sr. Edmilson Pontes, companheiro prestimoso; Sherlian Pereira, grande amiga, professora desde o Mulheres Mil, no curso de Reciclador, ensinou arte cabaça; Marcondes Alexandre de Lima, sem o qual nada disso teria sido possível. Tantas pessoas queridas, convivência que proporcionou crescimento, aprendizado, construção coletiva. Tão coletiva, que não dá nem para lembrar e escrever o nome de todos: alunos, egressos, técnicos administrativos, parceiros sociais, público-alvo, cooperativas, associações, grupos, incubadores, núcleos, entidades, amigos, uma grande rede de co-operação.

Começamos nossos trabalhos com as bênçãos de Singer, abrimos com a palestra do Professor Severino Lima (Xangai) na aula magna do Mulheres Mil, em 2014. Fomos agraciados com o compartilhamento do saber por José Neto, naquele INTEGRASOL no Caboclo e, hoje, contamos com a parceria de Xavier no NECSOL. Brilhante!!

2 A ECONOMIA SOLIDÁRIA

No Brasil, a Economia Solidária surge em resposta aos problemas do desemprego em massa e da acentuada exclusão social³, presentes na realidade dos trabalhadores e trabalhadoras, principalmente nas décadas de 1980 e 1990. Nesse cenário, o caminho dos trabalhadores e trabalhadoras em direção à Economia Solidária teve forte influência do trabalho realizado por organizações da sociedade civil, de igrejas, das incubadoras universitárias e dos movimentos sociais que atuam no campo e na cidade. São centenas de entidades que apoiam iniciativas associativas comunitárias e a constituição e articulação de cooperativas populares, redes de produção e comercialização, feiras de Economia Solidária, entre outros.

Para se ter uma ideia, em meados de 1980 foram criados milhares de Projetos Alternativos Comunitários (PACs), com o lema “a solidariedade liberta”. Ainda nessa mesma década, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) construiu cooperativas agropecuárias situadas em assentamentos de reforma agrária. Já por volta de 1990 surgiram as Incubadoras Universitárias de Cooperativas Populares e a transformação de empresas falidas em cooperativas pelos seus próprios empregados. Não podemos nos esquecer do fomento da Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão (ANTEAG) e da União de Solidariedade das Cooperativas (UNISOL), formadas em anos seguintes.

O ano de 2004 foi particularmente importante para a Economia Solidária no Brasil, pois foi criada a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego, colocando essa temática no patamar das políticas públicas. Desde 2006 os estímulos a esse tipo de empreendimento se expandiram como fruto dos primeiros Mapeamentos Nacionais da Economia Solidária, que formaram o Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária (SIES), vinculado à SENAES e tendo como apoiador o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES). Em 2010, foi criado o Sistema Nacional de Comércio Justo e Solidário (SNCJS), o que possibilitou o desenvolvimento do Programa Nacional de Incubadoras (PRONINC) e abriu portas para maiores investimentos para a Economia Solidária. Esses são avanços como frutos de um governo federal atento às necessidades dessa classe trabalhadora e também como resposta à mobilização das entidades e dos grupos que compõem o Movimento de Economia Solidária.

Apesar dos avanços evidentes, não se pode negar que a atual conjuntura é de desvalori-

³ SINGER, Paul. *Introdução à economia solidária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

zação dessas políticas públicas, pelo menos no que tange à Economia Solidária. Após anos de luta por reconhecimento e acesso a políticas públicas específicas, a rede que compõe o Movimento de Economia Solidária depara-se com um cenário de retrocesso. Em 2019, em um novo governo, a SENAES é subalternizada ao Ministério da Cidadania, adquirindo outro nome, Secretaria de Inclusão Produtiva Urbana. Assim, a Economia Solidária passa a ser vinculada às políticas de assistência social, não mais ao trabalho. Além disso, tem-se o rebaixamento conceitual do setor, limitando-se à esfera urbana. Entretanto, se este é um cenário de retrocesso, também pode ser considerado um cenário de resistência e o NUCAES busca contribuir com essa resistência por meio do desenvolvimento de projetos que busquem fortalecer o trabalhador e a trabalhadora da Economia Solidária.

2.1 Mas, o que é Economia Solidária, afinal?

No último mapeamento desenvolvido pela Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), em parceria com o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES), foram identificados 19.708 Empreendimentos Econômicos Solidários distribuídos pelo Brasil, entre 2009 e 2013. Esses empreendimentos situam-se, em grande parte, na área rural da região do Nordeste do País. Constituem-se, em grande parte, como grupos que se consolidaram a partir dos anos 2000. Foram, na sua maioria, motivados pela busca de uma fonte complementar de renda (48,8%) e como alternativa ao desemprego (46,2%) e faturam, em média, menos de R\$1.000,00 por mês (34%), sendo essa a fonte principal de renda (45,8%)⁴. Segundo os mesmos registros, as atividades econômicas desses empreendimentos são variadas, mas predominam as ligadas à agropecuária, ao extrativismo e pesca, à produção manufaturada – industrial e artesanal, à prestação de serviços e ao comércio.

Assim, podemos considerar que os Empreendimentos Econômicos Solidários do Brasil são milhares de organizações coletivas organizadas de forma diferenciada, que realizam atividades de produção de bens e de serviços, crédito e finanças solidárias, comércio e consumo solidários. São organizações dos mais diversos formatos: cooperativas, associações, grupos de produção, clubes de troca e redes, cujos participantes ou sócios são trabalhadores e trabalhadoras dos meios urbano e rural que exercem coletivamente a gestão das atividades, bem como a distribuição dos resultados.

⁴ INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Os novos dados do mapeamento de economia solidária no Brasil: nota metodológica e análise das dimensões socioestruturais dos empreendimentos. 2016.

Apesar de haver a conceituação do que é Economia Solidária, mesmo diante da sua pluralidade, fica o questionamento: O que é Economia Solidária, afinal?

Podemos entender a Economia Solidária como um diferente padrão de relações de trabalho e como um movimento político que busca uma sociedade diferenciada. Isso porque é uma forma diferente de realizar uma atividade econômica de produção, de oferta de serviços, de comercialização, de finanças ou consumo, que tem como alicerce novas formas de organização do trabalho, fundamentadas pela cooperação, autogestão e pela busca do fortalecimento da economia local. Também se consolida como uma alternativa de valorização da cultura, matéria-prima e modo de ser de certa localidade, vinculando-se a valores diferenciados. Já em aspectos políticos, constitui um movimento social baseado na solidariedade⁵.

Apesar de estar inserida na estrutura capitalista de produção, a Economia Solidária apresenta particularidades que possibilitam a geração de produtos e renda sem colocar como prioridade a busca pelo lucro. Deste modo, não deixa de representar um contraponto à lógica capitalista. Tais práticas, baseadas nos propósitos da gestão democrática, estruturam a base de uma nova forma de convivência em que nosso bem-estar não está subordinado ao dinheiro.

Os Empreendimentos Econômicos Solidários, são guiados por dez princípios⁶. I) a democracia; II) a cooperação; III) a valorização do saber local; IV) a valorização da diversidade; V) a centralidade no ser humano; VI) a justiça social na produção, na comercialização, consumo, financiamento e desenvolvimento tecnológico; VII) o cuidado com o meio ambiente e responsabilidade com as gerações futuras; VIII) a autogestão; IX) a emancipação e; X) a valorização da aprendizagem e da formação permanente.

O princípio da **democracia** fortalece a ideia de que é preciso haver a consideração e o respeito com todas as opiniões, assim como estimular o envolvimento de todos e todas na produção e nos processos decisórios. Podemos considerar as assembleias como importante espaço para a tomada de decisão democrática.

A **cooperação** refere-se ao modo como se dão as interações sociais entre os trabalhadores e trabalhadoras dentro do Empreendimento Econômico Solidário e ocorre por meio da soma das contribuições individuais, realizadas de forma coordenada, direcionada ao objetivo comum⁷. Por isso, o diálogo é essencial para colocar em prática este princípio.

⁵ FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. **O que é Economia Solidária**. 2018

⁶ BATISTA FILHA, M. J. T.; MARTINS, M. L. R. da S.; GUIMARÃES, V. M. G. **Mãos que constroem vidas: relatos de experiência**. João Pessoa: IFPB, 2012.

⁷ LEAL, K. S.; RODRIGUES, M. de S. **Economia solidária: conceitos e princípios norteadores**. Revista Humanidades e Inovação, v. 5, n.11, 2018.

O princípio da **valorização do saber** local está relacionado ao entendimento de que o modo de ser e fazer de uma comunidade é fruto de uma construção coletiva e, principalmente, histórica. Ao valorizá-lo, está preservando-se a cultura de certa localidade e as tecnologias populares.

A **centralidade no ser humano** representa a reafirmação que o ser (a pessoa) é mais importante que o ter (possuir coisas). Então, as decisões tomadas pelo grupo vão levar em consideração que o mais importante é o bem-estar deles.

O princípio da **valorização da diversidade** indica a importância de não haver qualquer tipo de discriminação (de raça, etnia, crença, cor e gênero), com o reconhecimento que todos são iguais em direitos.

O princípio da **justiça social** vai contra a distribuição desigual da riqueza produzida no mercado capitalista. Em contraposição, espera-se que haja justiça em todo o percurso da riqueza que está sendo gerada pelos trabalhadores e trabalhadoras do empreendimento. Assim, o trabalhador e a trabalhadora devem aproveitar a riqueza que criam.

O **cuidado com o meio ambiente e responsabilidade com as gerações futuras** é um princípio ligado à conquista da eficiência social, por meio de uma relação harmoniosa com a natureza, buscando qualidade de vida e equilíbrio com o ecossistema.

O princípio da **autogestão** remete à forma dos trabalhadores e trabalhadoras se relacionarem no processo produtivo. Na Economia Solidária todos do grupo produtivo estarão envolvidos com tudo o que tiver relação com o empreendimento. Para tanto, requer o interesse e o entendimento de todo o processo produtivo. Por meio da **emancipação** evidencia-se a dimensão política e de caráter transformador da Economia Solidária, pois refere-se à busca individual e coletiva pela transformação de todos em sujeitos de suas próprias histórias.

Por fim, tem-se o décimo princípio da Economia Solidária: a **valorização da aprendizagem e da formação permanente**. A formação técnica é imprescindível já que o trabalho desempenhado requer o profundo entendimento de todo o processo produtivo, como fruto da reflexão, da prática, do conhecer, do aprender, do criar e modificar. Mas, para além disso, é preciso valorizar espaços de aprendizagem que fortaleçam uma visão de mundo diferenciada, fomentada através da *práxis* dos demais princípios.

Colocar em prática esses princípios é uma tarefa complexa e cotidiana, que pode ser estimulada e facilitada por meio da contribuição de entidades que fortaleçam a rede de apoio do Movimento de Economia Solidária, como o NUCAES propõe-se a fazer.

3 FORMAÇÃO PARA A AUTONOMIA

Autonomia significa o poder de dar a si a própria lei, de construir as próprias normas e regras. Não se entende este poder como algo absoluto e ilimitado, também não se entende como sinônimo de autossuficiência, visto que sempre necessitaremos uns dos outros. Mas a autonomia permite que, antes de tudo, tenhamos posicionamentos próprios, que saibamos definir nossas opiniões e práticas, independente do que os outros querem que façamos ou pensemos. A pessoa ter autonomia não significa que ela é a “dona da verdade”. Pelo contrário, as opiniões e práticas do ser autônomo podem ser alteradas, mas a partir do diálogo coletivo e democrático (garantindo que todos coloquem suas opiniões e que as ideias mudem a partir do convencimento).

Em sua definição para autonomia, Piaget⁸ afirma que, graças ao uso da razão, o sujeito pode, ele mesmo, liberar-se do que a tradição procura impor às diversas consciências, ou seja, a autonomia permite que o indivíduo pense não necessariamente igual ao que as pessoas pensam ou ao que a sociedade defende. O indivíduo, assim, é capaz, graças à razão por ele construída, de poder se opor à autoridade, seja ela de qualquer natureza. Trazendo para um exemplo prático: por mais que seja defendido que precisamos pensar nos nossos interesses individuais, em detrimento dos outros, (ou seja: “primeiro eu!”), é possível pensar nos nossos interesses pessoais JUNTO com o interesse dos outros, né?!

Ainda do ponto de vista individual, a constituição do princípio de autonomia, ainda segundo Piaget, desenvolve-se juntamente com o processo de desenvolvimento da autoconsciência, isto é, repousa sobre um mecanismo psicológico interno ao sujeito, mas esse mecanismo pode e deve ser estimulado. Neste processo, a consciência individual evolui para uma consciência coletiva.

Jean Piaget, ao estudar o desenvolvimento do ser humano, percebeu que as crianças pequenas, quando aprendem a falar, por volta dos dois anos de idade até por volta dos sete anos quando estão prontas para aprender a ler e a escrever, não têm consciência, ainda, do que é certo ou errado. Só por volta dos seis ou sete anos de idade é que desenvolvem a noção de regras, aprendendo as regras dos jogos e participando de brincadeiras coletivas. Nesta fase, aprendem a obedecer as regras que são impostas de fora para dentro: fazem o que pais e professores acham certo. Esse momento do desenvolvimento infantil é chamado de estágio da heteronomia moral, ou seja, a lei vem de fora do indivíduo, ele obedece as leis dos outros (Hetero: outro, diferente. Nomia: regras, normas, leis).

Somente por volta dos 14 anos, quando o amadurecimento intelectual atinge o nível da abstração, o indivíduo aprende a pensar de forma abstrata, não somente na vida concreta, mas em nível de conceitos abstratos, e moralmente alcança o nível da autonomia: pensar so-

⁸ PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia. Tradução de Nina Constante Pereira. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

bre o comportamento humano e decidir por conta própria o que ele acha que é certo ou errado. Nesse estágio de evolução, o indivíduo atinge uma consciência não somente de si, mas também do grupo e do coletivo. Aí então ele consegue pensar no que é melhor para todos.

Dessa forma, o indivíduo vai evoluindo sua forma de consciência, passando de uma consciência puramente individual, em que o eu está no centro das coisas, para uma consciência capaz de perceber que não somos seres isolados, que vivemos em grupos, que somos interdependentes e, prezando nossa individualidade, nossa capacidade de decidirmos por nós mesmos, somos capazes de trocas. Vivemos em grupos, em sociedade e a consciência do coletivo amplia nossa percepção de mundo fazendo com que deixemos de ser egoístas, pensando só em nós mesmos e passemos a ser participantes do grupo e do coletivo.

Nem todos os indivíduos alcançam a fase da autonomia. Como vivemos em uma sociedade individualista que preza a autoridade, muitas pessoas ficam no nível da heteronomia e não são capazes de pensar por conta própria, sempre necessitando de uma autoridade externa que lhes diga o que se deve fazer.

Podemos perceber, pelo que já foi exposto, que a autonomia não é uma herança. É uma construção do indivíduo como sujeito no coletivo, ou seja, é algo que a pessoa constrói na convivência com os outros e o método para desenvolver a autonomia é a cooperação, ou ainda como diz Piaget, cooperar é operar em comum.

A palavra cooperação pode ser compreendida como formada pela partícula CO (de em conjunto) e OPERAÇÃO (que significa a realização de alguma coisa) e significa fazer algo conjuntamente, ajudando uns aos outros na realização de uma tarefa. É quando um grupo de pessoas se une com um objetivo em comum e todas colaboram com boa vontade e se dispõem para alcançar aquele objetivo. Em um processo de autonomia, cada indivíduo está ali por sua livre e espontânea vontade e, dialogando com o grupo, participa livremente da tomada de decisões e da realização do que foi proposto.

A cooperação pode surgir espontaneamente ou por provocação. Espontaneamente quando a vontade de participar surge das próprias pessoas e elas se envolvem no grupo por impulso próprio. Por provocação quando são chamadas a participar e também pode haver acontecimentos que levem as pessoas a se engajarem em uma tarefa coletiva.

Além de participação, a cooperação também pressupõe equilíbrio nas trocas e reciprocidade entre parceiros, ou seja as pessoas, quando cooperam entre si, reconhecem seus parceiros como merecedores de sua confiança e assim existe respeito mútuo. Este equilíbrio só é possível nas relações cooperativas nas quais os sujeitos possuem uma escala de valores comuns. Em outras palavras, os sujeitos se integram em cooperação a partir de interesses comuns e são indivíduos que apresentam opiniões semelhantes sobre o mundo. Uma cooperativa de produtos agrícolas é composta por agricultores familiares, por exemplo, que possuem valores semelhantes em relação à importância da natureza, à priorização da qualidade em detrimento da quantidade, etc.

Em uma cooperativa que se propõe a ser autônoma, a autonomia deve estar presente em

cada cooperado, assim como no grupo de pessoas que forma a cooperativa e, também, entre eles e o resto da sociedade. No mundo em que vivemos, a todo momento valores são impostos pela sociedade por meio da publicidade, da fala das pessoas e das autoridades (políticos, professores, médicos, padres, pastores, e vários outros tipos de autoridades constituídas), ou seja, a todo momento somos coagidos com regras e leis tidas como naturais e o grupo precisa ter claro o seu posicionamento.

A autonomia pressupõe que as pessoas sejam capazes de pensar por si próprias, sem engolir opiniões que são consideradas verdadeiras sem serem questionadas. O grupo precisa ter o hábito de conversar, trocando ideias e se perguntando se aquilo que parece tão natural é assim mesmo ou poderia ser de outra forma? Será que o que a televisão ou outros meios de comunicação consideram bom e certo é mesmo assim? E mesmo os nossos valores, aquilo que sempre achamos que seria definitivo não pode ser diferente? Por isso, é fundamental o diálogo, a conversa, a troca de ideias, sempre escutando uns aos outros no grupo, e levando em consideração o que cada um fala para que possamos melhorar nossas percepções e chegar a uma conclusão em comum. Assim, a cooperativa toma suas próprias decisões e constrói suas opiniões e posições frente às questões e situações em que se encontra sem seguir o que a maioria da sociedade impõe como “vaquinha de presépio” ou “Maria-vai-com-as-outras”.

A reciprocidade é essencial para a consolidação de grupos de cooperados autônomos. Quando falamos que alguma coisa é recíproca, queremos dizer que vem igualmente de ambas as partes, que reconhecemos no outro nosso interlocutor legítimo, que estamos no mesmo nível na conversa, que somos iguais e que estamos dispostos a ouvir e considerar o que os outros dizem e a dizer claramente e honestamente o que pensamos. A sociedade em si não estimula a reciprocidade. Pelo contrário, reforça o egocentrismo (o individualismo) que representa a dificuldade de se colocar no ponto de vista do outro.

Por isso, para formar ou fortalecer grupos de pessoas que se propõem a trabalhar cooperativamente com base na autonomia de seus integrantes e que querem construir uma sociedade mais justa e mais igualitária, é fundamental pensar que o ser humano está em um processo contínuo de aperfeiçoamento, que não estamos prontos e acabados, que somos imperfeitos, mas queremos e podemos melhorar. Esse processo depende do grupo e constitui-se pela educação permanente. Portanto, o conjunto deve ter em mente sua importância no desenvolvimento da autonomia de seus integrantes. Para isso, para estimular a formação da autonomia dos indivíduos e do grupo, assim como o espírito de cooperação, que como já foi dito, precisa sempre estar em constante processo de desenvolvimento, sem apontar defeitos das pessoas, falar mal ou cutucar as feridas das pessoas. Com o intuito do respeito mútuo, é necessário desenvolver hábitos do bom diálogo, por meio do qual todos devem ser estimulados a participar, a falar e a ouvir: ou seja, enquanto um fala, os outros devem ouvir e levar em consideração o que estão ouvindo, porque assim, quando voltar a falar não será necessário ficar repetindo o que já foi dito e o raciocínio pode evoluir de fala em fala, de forma que o grupo possa construir um pensamento em comum.

Atividades realizadas em grupo, em que haja a participação de todos e que cada um colabore com sua parcela para se construir algo em comum, ou se alcançar uma meta ou um objetivo conjunto, sempre colaboram para desenvolver o senso de autonomia. Existem muitas dinâmicas também desenvolvidas especialmente com a finalidade de desenvolver o senso de autonomia e de participação no grupo.

Citarei, aqui, a dinâmica do barbante, que é simples. Sempre começo meus grupos com ela porque nos dá a noção precisa da importância de cada um para o funcionamento do grupo. Início a dinâmica dizendo: quero ver quem é que segura as pontas. O grupo forma um círculo e, com um rolo de barbante na mão, explico as regras do jogo: como vai começar comigo, seguro a ponta do barbante e jogo o rolo para qualquer outro integrante do grupo, antes de jogar digo o meu nome e uma palavra que expresse minha expectativa em relação à nossa participação no grupo (amizade, cooperação, entusiasmo, vida nova, esperança, bons frutos, isso vai de cada um) e assim cada integrante faz também (segura o barbante, de forma a fazer com que fique firme em linha reta entre quem está segurando e quem enviou o rolo). Cada integrante diz o seu nome e uma palavra que expresse sua expectativa ou sua motivação, antes de jogar o rolo de barbante para outra pessoa à sua escolha. Ao final, quando todas as pessoas integrantes do grupo estiverem segurando o barbante, terá sido construída uma rede, em que cada um é fundamental porque se alguém não se comprometer e segurar com firmeza, a rede não ficará bem construída.

Nesse momento, mostro isso ao grupo: como a participação de cada um é importante. Depois de construída a rede, o processo inverso deve ser realizado, cada um deve devolver o barbante para aquele de quem recebeu, que deve enrolar o barbante para que ao final o rolo esteja refeito para ser utilizado alguma outra vez. Também antes de devolver o rolo de barbante a quem o enviou o participante deve dizer alguma coisa, como por exemplo, uma palavra ou expressão que expresse como alcançar aquela expectativa que ele disse ter no início.

Essa dinâmica pode sofrer variações e adaptações aos grupos e aos momentos em que for empregada. Uma das variações foi utilizar uma aliança que percorria o barbante a cada vez que era enviado o rolo, significando o compromisso de cada um com o processo. O que será dito por cada participante também pode ser adaptado, por exemplo, se a dinâmica for utilizada com a intenção de fortalecer a união do grupo, em um momento em que precisa ser revisto o envolvimento de cada um pode-se sugerir que cada membro diga o que acha que precisa ser melhorado e na volta do barbante o que precisa ser feito para alcançar aquela melhoria.

Várias outras dinâmicas podem ser utilizadas, tudo vai depender de cada grupo. O importante é se ter consciência de que a autonomia é algo em constante construção, que precisa ser buscada pelo grupo, com respeito às diferenças individuais e com a certeza de que a educação e o desenvolvimento são processos contínuos.



Figura 1 – Aplicação da técnica do barbante. Fonte: arquivo NUCAES

Trata-se de uma opção teórica com base em Paulo Freire, como o próprio termo sugere, mas que vai muito além e encontra eco na pedagogia da experiência (só se aprende fazendo) e na educação para o pensar (o desenvolvimento das habilidades de raciocínio se dá no coletivo, em rodas de conversa nas quais se desenvolve a construção do conhecimento). Podemos até mesmo voltar a Piaget com seus conceitos de anomia (ausência de normas), heteronomia (submissão às normas externas) e autonomia (participação na criação das normas) e, indo mais longe, podemos chegar a Kant⁹, que no seu texto “O que é a ilustração” fala do sujeito autônomo, aquele que atinge a maioria moral ao ser capaz de assumir a responsabilidade pelos próprios atos.

De acordo com os preceitos do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, a extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade da elaboração da *práxis* de um conhecimento acadêmico. Esse fluxo estabelece a troca de saberes sistematizado/acadêmico e popular e também possibilita a produção de conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade.

⁹ WEFFORT, Francisco (org.). *Os clássicos da política*. São Paulo: Ática, 1990. 2 V.

4 NUCAES: SURGIMENTO E TRAJETÓRIA DE ATUAÇÃO

Aqui, resgatamos a trajetória do NUCAES, com as principais atividades desenvolvidas ao longo desses anos de existência. Antes disso, apresentamos o contexto que motivou a existência do NUCAES.

4.1 Contexto do surgimento do NUCAES

A cidade de Guarabira (PB) é conhecida como Rainha do Brejo paraibano justamente por ser um polo de desenvolvimento, inclusive na área do comércio, daquela região. Dentro do seu portfólio educacional, no Instituto Federal da Paraíba – Campus Guarabira são oferecidos os cursos Superior de Tecnologia (CST) em Gestão Comercial, além do Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio (ETIM) de Contabilidade, Informática, entre outros. A atuação do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), ofertado no campus entre 2014 e 2016, levou uma nova perspectiva de formação aos vários espaços do território, o que provocou uma visibilidade do IFPB, acarretando toda uma demanda dos grupos de egressos dos cursos, tanto do Mulheres Mil como do PRONATEC Campo, com os cursos ministrados nos sítios (zona rural).

As estudantes dos cursos oferecidos no Mulheres Mil queriam continuar produzindo e demandavam assessoria para organizarem-se em cooperativas nos moldes da economia solidária. Já os egressos dos cursos de desenvolvimento cooperativista cobravam colocar em prática os conhecimentos aprendidos e apreendidos. Outras entidades, como os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), prefeituras e associações, acompanham e conhecem a potencialidade dos cursos regulares do IFPB, *Campus Guarabira*, no sentido de ajudarem a população do território da cidadania do Piemonte, na região do Brejo e Agreste, a se organizarem na produção e comercialização dos seus produtos (artesanato, reciclagem, agricultura familiar e outros).

Portanto, vivia-se um momento fervilhante de pessoas com histórias (cursos, associações, movimentos organizativos anteriores) que sentiam e sentem a necessidade de acesso ao conhecimento produzido pelo e com o IFPB nos parâmetros da autogestão, decisões colegiadas, produção e consumo coletivos, conscientes, solidários, de acordo com os preceitos da sustentabilidade e que possam, ao mesmo tempo, implementar organizações capazes de geração de renda e desenvolvimento regional. Do ponto de vista mais concreto, a instituição passou a receber demandas de governos municipais e organizações da sociedade civil, no âmbito territorial do Brejo Paraibano, com a finalidade de orientar e assessorar a criação de cooperativas solidárias autogestionárias.

O NUCAES surge nesse contexto, com o desafio da adaptação e reconstrução dos conhecimentos construídos dentro dos muros do IFPB que, em geral, não estão adequados à realidade dos Empreendimentos Econômicos Solidários. Desta forma, busca-se colocar os instrumentos da gestão comercial, contabilidade e informática a serviço das populações excluídas dos processos de geração de renda, uma vez que acreditamos que essas áreas podem e devem voltar

seus olhos para outras formas de gestão que estejam além das formas tradicionais. Ao mesmo tempo, vemos a necessidade de construir formas de fazer e atuar condizentes com os preceitos da economia solidária.

Nesta perspectiva, com base na experiência de Incubadoras de Economia Solidária, como a Incubes, desenvolvida por pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba, e a Incutes, desenvolvida pelo IFPB a proposta é colocar em prática a proposta metodológica denominada pesquisa-ação. Trata-se de uma metodologia própria da área das ciências humanas explicitada em métodos e técnicas vinculadas à intervenção social. Dessa forma, uma ação educativa que potencialize a construção coletiva da consciência e do conhecimento, assim como a capacidade de iniciativa transformadora da comunidade, nessa perspectiva, corresponde à realização de ações pontuais junto ao grupo demandante que possibilitem alcançar as metas definidas. Estas atividades são guiadas pelos projetos de extensão e pesquisa desenvolvidos a partir das demandas definidas e elencadas a partir do planejamento das atividades do NUCAES.

4.2 Atuação do NUCAES

Segundo dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE)¹⁰, a taxa de mortalidade de empresas com até dois anos de vida é de cerca de 24%. Além disso, uma em cada quatro empresas fecha as portas até dois anos após sua abertura. A mesma pesquisa revelou, também, que 49% dos empresários cujos negócios não obtiveram êxito reconheciam o bom planejamento antes da abertura da empresa como fator mais importante para a sua sobrevivência. Entre os que se mantiveram ativos no mercado, 34% apontam a gestão após a abertura como fator mais importante para a sobrevivência do empreendimento. Destaca-se que 55% dos entrevistados não elaboraram um plano de negócios antes da abertura. Evidencia-se, portanto, que a gestão da empresa não é um processo fácil e está longe de ser dispensável.

Diante das dificuldades de manter abertas e ativas as empresas e das consequências malélicas dos altos índices de falência para a economia, a academia procurou, no decorrer dos anos, aperfeiçoar cursos superiores que busquem profissionalizar aqueles interessados em investir na produção real, como os cursos de administração e gestão comercial, entre outros.

Esses cursos, porém, são focados no desenvolvimento de técnicas de gestão para as empresas chamadas de clássicas ou capitalistas, cuja estrutura é hierarquizada e objetiva-se substancialmente a geração de lucro. Entretanto, os empreendedores solidários também sofrem por dificuldades de planejamento e gestão para a sustentabilidade de seus empreendimentos. Como já dito anteriormente, esses empreendimentos possuem uma forma organizacional totalmente distinta, com processos de produção e da tomada de decisões é diferenciado. Sendo assim, as ferramentas clássicas de gestão acabam por serem insuficientes para es-

¹⁰ SEBRAE. *Sobrevivência das empresas no Brasil: coleção de estudos e pesquisas*. 2014.

tas formas alternativas de produção e a adaptação e aplicação dessas ferramentas tem sua importância para a sustentabilidade desses grupos. Assim, o conhecimento científico desenvolvido dentro dos muros dos institutos federais se entrelaça com o conhecimento popular. O NUCAES, no decorrer da sua história e no presente, atua nessa direção.

4.2.1 Atuação em 2015

O NUCAES desenvolveu, em 2015, o projeto de extensão intitulado Trabalho e renda: investindo na formação e no fortalecimento de empreendimentos solidários, fomentado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)¹¹ e desenvolvido por meio da Incubadora INCUTES e o NUCAES, visando o fortalecimento e desenvolvimento locais.

Entre as comunidades contempladas no projeto, estava a Associação do Sítio Caboclo, público-alvo ideal por ser composta por jovens e produtores familiares que residem no sítio e localidades circunvizinhas. A partir de visitas, estudos e capacitações realizadas na comunidade, foi possível perceber, a cada dia de atuação, vários aspectos determinantes que incidiam no cotidiano dos participantes.

As atividades tiveram início com a realização de um seminário com o tema “Fortalecer o arranjo produtivo da comunidade Caboclo”, promovido pelo NUCAES durante quatro dias, no turno noturno, como mostra o convite na Figura 2.



Figura 2 – Convite para o Seminário de Integração do NUCAES (2015). Fonte: arquivos NUCAES

¹¹ Chamada MCTI/CNPq/MTE/SENAES Nº 21/2015 - Incubadoras Tecnológicas de Empreendimentos Econômicos Solidários

Durante o desenvolvimento do seminário foram aplicadas algumas dinâmicas para estimular a aplicação do CANVAS¹², e ferramentas extraídas do Método Bambú, respectivamente: I) Dinâmica teia da cooperação; II) Identificando as potencialidades; III) Desejando e Criando; e IV) Mapa de prioridade. As Figuras 3 e 4 apresentam alguns momentos de dinâmica.

As atividades que foram realizadas na comunidade tiveram como propósito inicial analisar a realidade produtiva do Sítio Caboclo, o que é indispensável para se levantar as potencialidades locais e entender o estágio em que se encontram os produtores e suas demandas, assim como colocar em prática as ferramentas de gestão adaptadas.

Ainda em 2015 foi desenvolvido o projeto **Discutindo o Sistema Político Brasileiro**. Este projeto teve como objetivo contribuir com a formação política da juventude do brejo paraibano, por meio da participação de jovens em um Curso Realidade Brasileira, ministrado em quatro etapas, que contemplaram temas desenvolvidos sob o método da educação popular e que possibilitaram a reflexão sobre os vários aspectos do sistema político brasileiro, com os objetivos de aperfeiçoar e potencializar as lutas sociais no âmbito da juventude, além de proporcionar



Figuras 3 e 4 – Aplicação da dinâmica da teia da cooperação (esquerda) e identificação das potencialidades (direita). Fonte: arquivos NUCAES

¹² **Business Model Generation**, ou Canvas, é uma metodologia que possibilita às pessoas co-criarem modelos de negócios, considerando nove elementos: proposta de valor, parcerias chaves, atividades chaves, recursos chaves, relacionamento com clientes, segmentos de clientes, canais de distribuição, estrutura de custos e fluxo de receitas.

um efeito multiplicador nas comunidades em que estes jovens se inserem, contribuindo para a inclusão social.

Para tanto, foi necessário uma coordenação político-pedagógica composta por docentes e discentes do curso, assim como representantes do Serviço de Educação Popular (SEDUP), organização sem fins lucrativos parceira do projeto. A responsabilidade desta comissão foi acompanhar o curso, assim como garantir momentos formativos entre as etapas do curso, desenvolvendo, também, métodos didáticos de ensino e de assessoria aos jovens.



Figuras 5 e 6 – Encontros do curso realidade brasileira. Fonte: arquivos do NUCAES

Esse projeto contou também com a participação de professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, das áreas de economia, filosofia e ciências sociais, além de educadores vinculados ao SEDU). Foram contemplados dois espaços metodológicos: (1) um espaço de estudo da realidade brasileira, como foco no sistema político do país, a partir de autores nacionais, organizado nos moldes de um curso preparado para formação de jovens e organizações populares do Brejo Paraibano; (2) e um espaço de organização interna, reunindo a comissão executora para a discussão periódica do andamento do projeto. Este segundo espaço teve também como finalidades a discussão e o aperfeiçoamento da metodologia do curso e a elaboração do material necessário para sua didática. Particularmente, a formação teórica do grupo foi de grande importância para o desenvolvimento intelectual da equipe. Em relação à metodologia, cada educando(a) foi inserido(a) em um dos seis núcleos que foram constituídos como espaços de discussão e organização do curso.

Cada núcleo teve um(a) coordenador(a) e um(a) relator(a). Além disso, foram criados espaços de dinâmicas com todos e exposições de conteúdo, assim como momentos de debates. Por esse método, buscou-se otimizar a interação dialógica entre educador(a) e educanda(o), com o objetivo de alcançar bons resultados na aprendizagem. Os momentos das discussões em núcleos tiveram o papel fundamental de permitir que os educandos(as) trocassem impressões, esclarecessem dúvidas entre si e, coletivamente, pensassem questões relevantes sobre o tema apresentado e o texto lido anteriormente. O curso foi organizado em quatro módulos para garantir a periodicidade mensal das etapas formativas. As etapas do curso foram realizadas aos sábados, durante todo o dia, com os seguintes temas:

- Módulo I: Como funciona a sociedade?;

- Módulo II: Realidade brasileira e projeto popular para o Brasil; A constituição de 1988 e a participação das igrejas, da juventude, dos sindicatos, das mulheres; e o legado da ditadura militar;

- Módulo III: Governos latino-americanos e processos constituintes; Florestan Fernandes, a constituinte e os desafios de hoje; e

- Módulo IV: Constituinte, participação cidadã e políticas públicas; A reforma do sistema político que queremos e os desafios do projeto popular e da luta pela Constituinte no Brasil.

O educador (a) apresentou também uma biografia resumida do autor estudado para contextualizá-lo na história. O objetivo principal aqui foi que os educandos (as) se apropriassem do conteúdo do material – livro ou texto – estudado e pudessem fazer relações com a realidade atual, qualificando a intervenção de todos (as) na ação política cotidiana. Ao término de cada encontro de estudo, cada educando(a) teve como atividade levar consigo o próximo material a ser estudado, para fazer uma introdução ao tema. Para assessorar, uma equipe esteve disponível para tirar dúvidas da leitura do material. Já as reuniões semanais da equipe de execução tiveram por finalidade a discussão da metodologia do curso, assim como a elaboração do material necessário para a didática do mesmo.

Estas reuniões foram organizadas em momentos de formação do grupo e de organização das atividades de extensão, além daqueles de avaliação interna. A formação teórica do grupo foi de suma importância para o incremento intelectual da equipe, fomentando a base teórica para o desenvolvimento de artigos e materiais didáticos na área dos pensadores brasileiros. Para isso, foram realizadas reuniões com o facilitador, antes de cada etapa do curso, para discussão da metodologia. O método de avaliação desenvolvido pelo público-alvo do projeto foi de forma contínua, pois a cada etapa do curso, foi organizado um momento avaliativo com os participantes. A periodicidade da avaliação foi definida de acordo com as reuniões semanais em que a equipe Executora do projeto e os facilitadores de cada etapa puderam se auto avaliar e constatar o alcance dos objetivos.

4.2.2 Atuação em 2016

A partir das atividades desenvolvidas em 2015 percebeu-se uma forte demanda, por parte dos Empreendimentos Econômicos Solidários, em aprimorar a gestão financeira do empreendimento. Diante disso, a equipe do NUCAES dedicou-se, a partir do conhecimento adquirido no curso ETIM em Contabilidade, a adaptar a contabilidade básica para o entendimento dos empreendedores. Desta forma, foi desenvolvida uma oficina (maio/ 2016), sobre gestão financeira, especificamente sobre fluxo de caixa.

O curso foi ministrado por integrantes do NUCAES que tinham formação na área técnica em contabilidade. Foram trabalhados modelos de planilhas que facilitam o controle financeiro da atividade produtiva integrada ao planejamento financeiro pessoal, tendo em vista que os rendimentos deles estão envolvidos diretamente no orçamento familiar. A Figura 7 e 8 mostra um pouco desta experiência.



Figura 7 e 8 – Oficina de fluxo de caixa. Fonte: arquivos NUCAES

A partir dos momentos de (auto) formação, o NUCAES se aventura, a partir de 2016/2017, na construção e estímulo direto à constituição de um grupo produtivo, com o intuito de fortalecer uma produção que reúne os interessados em torno de práticas associativas que gerassem renda e ainda contribuíssem para a revitalização e valorização da cultura regional. Para tanto, iniciou-se, no mês de junho de 2016, o curso de arte em cabaças para posterior constituição do grupo ArteCabaça, de produtoras de artesanato desenvolvido a partir de uma matéria-prima regional, a cabaça, cultivada por elas próprias, como mostram as Figuras 9 e 10



Figuras 9 e 10 – Formação para o desenvolvimento do ArteCabaça (2016). Fonte: arquivos NUCAES

Após constituído o grupo, que segue acompanhado pela equipe NUCAES, foi possível a participação em feiras de artesanato, como a **Feira Brasil Mostra Brasil**, em 2016 (Figuras 11 e 12), e hoje estão praticando a auto-organização.



Figuras 11 e 12 – Participação do Projeto ArteCabaça na feira Brasil Mostra Brasil. Fonte: arquivos NUCAES

4.2.3 Atuação em 2017

Já em 2017, a equipe do NUCAES passou a sentir a necessidade concreta de conhecer melhor os Empreendimentos Econômicos Solidários da região. Desta forma, foi implementado o projeto de extensão através da Chamada Interconecta IFPB n° 09/2017 – apoio a projetos de pesquisa, inovação, desenvolvimento tecnológico e social, com vistas a fazer o mapeamento dos empreendimentos solidários da região de Guarabira/PB.

Para o mapeamento dos empreendimentos, tivemos como referência o trabalho anterior realizado pela SENAES no ano de 2012, cujos resultados encontram-se disponíveis no Sistema Nacional de Informação em Economia Solidária (SIES). A partir destas informações preliminares, fizemos uma listagem dos possíveis empreendimentos para visita e aplicação de questionário, que foi uma versão adaptada da SENAES e do Programa de Aplicação de Tecnologias Apropriadas (PATAc).

Uma estratégia utilizada para buscar outros empreendimentos consistiu em buscar registros, em órgãos e instituições locais e também em cada empreendimento visitado, por grupos de produção, sempre procurando saber se o grupo conhecia outras iniciativas de produção coletiva. À medida em que o mapeamento era realizado, foram identificados empreendimentos que se enquadravam nos critérios que caracterizam os Empreendimentos Econômicos Solidários: a unidade básica para constituição do banco de dados é o Empreendimento Econômico Solidário, cuja definição foi adotada do próprio manual do SIES, como sendo aquelas organizações coletivas – organizações suprafamiliares, singulares e complexas (tais como associações, cooperativas, empresas autogestionárias, grupos de produção, clubes de troca, redes etc.) cujos participantes ou sócios exercem coletivamente a gestão das atividades, assim como a alocação dos resultados; permanentes – que disponham ou não de registro legal, prevalecendo a existência real; e que realizem atividades econômicas de produção de bens, de prestação de serviços, de fundos de crédito (cooperativas de crédito e os fundos rotativos populares), de comercialização e de consumo solidário.

O mapeamento (aplicação dos questionários), realizado entre agosto e novembro de 2017, foi iniciado pela cidade de Guarabira e depois foi expandido para as demais cidades da região. A ordem do mapeamento foi definida de acordo com a utilização da escala caracol, em que se tem um ponto central de referência, em nosso caso a cidade de Guarabira, e depois fomos abrangendo outras cidades circunvizinhas, considerando a distância. Essa metodologia, além de orientar no planejamento do mapeamento, evita o desperdício de tempo e recursos com deslocamentos.

O projeto do mapeamento possibilitou, ainda em 2017, a organização do **I INTEGRASOL – Seminário de Integração dos Empreendimentos Solidários** da região de Guarabira-PB, momento que possibilitou a integração entre os pesquisadores do núcleo, os empreendimentos solidários mapeados - cerca de 24 empreendimentos estavam presentes - e organizações envolvidos na luta pelo fortalecimento da economia solidária na região, como a INCUBES/UFPB, o SEDUP,

a Incubadora de Iniciativas e Empreendimentos Solidários (INICIES) e o Banco Comunitário de Lagoa de Dentro. As Figuras 13 e 14 mostram um pouco dessa experiência. Estiveram presentes também representantes de organizações de sociedade civil atuantes com grupos populares, Serviço de Educação Popular, Fundação Grupo Izquel Brasil, Comissão da Pastoral da Terra (CPT), Banco Comunitário Lagoa, Rádio Comunitária Lagoa FM, Associação de Desenvolvimento Urbano e Rural de Cacimba de Dentro e ainda os parceiros sociais como Maria das Graças Silva, representante da associação dos Produtores Rurais do Sítios Caboclo e Pedra Grande, que tem um histórico em atividades dos movimentos sociais; o representante da ECO-SOL apoiador da feira de Economia Solidária da cidade de Lagoa de Dentro, o articulador do projeto Ações Integrada da Secretaria de Economia Solidária do Estado.



Figuras 13 e 14 – I INTEGRASOL (2017). Fonte: arquivos NUCAES

Cerca de cinquenta pessoas participaram deste encontro que foi formativo, mas também propositivo. O evento contou com dois momentos: no período da manhã houve o deslocamento dos participantes, acolhida e credenciamento dos comunitários. Em seguida houve a abertura, boas-vindas aos participantes, apresentação dos empreendimentos solidários presentes e da equipe do NUCAES. Na sequência, tivemos uma recitação de poesia em homenagem ao Movimento da Economia Solidária. Logo após, houve uma explanação com Severino Lima, o Professor Xangai, sobre as origens da economia solidária e experiências exitosas de empreendimentos da região. Já pela tarde, contamos com a presença de Maria Rosângela da Silva, facilitadora que retomou a atividade recuperando algumas informações e demandas apresentadas pelos

empreendimentos, direcionando e trazendo um questionamento sobre como os participantes poderiam, juntos, fortalecer a economia solidária da região. Assim, foram construídos alguns encaminhamentos importantes: ampliar as discussões sobre Finanças Solidárias; fortalecer a autonomia das mulheres produtoras da economia solidária; manter a realização do INTEGRASOL nos próximos anos; a Criação do Fórum de Economia Solidária do Brejo; e ampliar/fortalecer a relação dos empreendimentos com as instituições que podem ajudá-los a desenvolver técnicas acessíveis para facilitar a gestão e o dia-a-dia dos empreendimentos.

Vale destacar, em especial, o último encaminhamento do I INTEGRASOL, que colocou em evidência a importância da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão no IFPB. A angústia maior exposta por eles está, na atualidade, relacionada ao uso das tecnologias da informação e comunicação. Diante disso, foi proposto o desenvolvimento de uma pesquisa¹³ que visa diagnosticar o uso das tecnologias de informação e comunicação pelos Empreendimentos Econômicos Solidários na região de atuação do NUCAES para posterior planejamento de formas de atuação para melhoria desta realidade. Esta pesquisa está sendo liderada pelos estudantes do curso técnico em informática integrado ao ensino médio.

Desta forma, a ampliação e assessoria técnica aos Empreendimentos Econômicos Solidários, a partir da adaptação do conhecimento desenvolvido dentro dos muros do IFPB, é objetivo primordial do NUCAES. O saldo desta experiência do INTEGRASOL foi extremamente positivo, pois, além avançar para o fortalecimento da economia solidária, trouxe para o NUCAES novos estudantes do ensino médio integrado interessados no tripé ensino-pesquisa-extensão, de modo que a equipe ampliou-se consideravelmente entre 2017 e 2018. Publicações, a partir da experiência do mapeamento e do INTEGRASOL, também foram possíveis, como a participação no II Simpósio de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação do IFPB.

4.2.4 Atuação em 2018

A partir do projeto Fórum de Economia Solidária: fortalecendo os empreendimentos da região de Guarabira-PB, foram realizados diversos momentos formativos com o objetivo de reunir Empreendimentos Econômicos Solidários e organizações de sociedade civil (OSCs) para discutir o funcionamento de um fórum regional e construir seu regimento interno. No total, foram realizadas 26 (vinte e seis) reuniões, que ocorreram em diferentes espaços da cidade de Guarabira-PB, algumas delas no próprio IFPB - *Campus* Guarabira, outras no SEDUP, um dos parceiros do projeto, e os demais em uma comunidade de apoio a meninas em situação de risco, chamada Talita.

As reuniões foram divididas da seguinte maneira: dez delas com os Empreendimentos Eco-

¹³ Oficializada pela Chamada Interconecta IFPB n° 01/2018 - Apoio de projetos de pesquisa, inovação, desenvolvimento tecnológico e social.

nômicos Solidários e com os parceiros sociais; quatro delas para discutir a criação do fórum; e as doze restantes para a organização e posterior lançamento do Fórum. As reuniões consideradas mais importantes para a consolidação dos objetivos propostos pelo projeto serão relatadas adiante, mas, de antemão sentimos a necessidade de relatar a origem das nossas ideias e intervenções. Para a realização dessas reuniões, a equipe do NUCAES manteve contato com os empreendimentos que foram mapeados anteriormente.



Figura 15 e 16 - Assembleia geral de constituição do fórum, durante o II INTEGRASOL. Fonte: arquivos do NUCAES

Durante as reuniões, que chamamos de “pré-Fórum”, a equipe do NUCAES articulou, juntamente com os parceiros sociais, como seriam feitos os contatos com os empreendimentos, quantos deles estavam aptos a participar do Fórum e como aconteceriam as reuniões ampliadas. Ou seja, essas reuniões foram operacionais, de viés organizativo. Destaca-se ainda que, durante esses encontros ampliados, foram realizadas feiras de compra/venda/troca dos produtos dos empreendedores solidários. Nestes momentos, os empreendimentos puderam expor os seus produtos, conhecer e ainda adquirir os produtos uns dos outros. Essa ideia foi aceita por todos e chegou a ser a primeira feira solidária realizada no IFPB - *Campus Guarabira*, da qual participaram alunos, pais e professores da instituição.

Já no dia 12 de dezembro de 2018, ocorreu a assembleia geral para o lançamento do Fórum Regional de Economia Solidária (Figuras 15 e 16) e integrou a programação principal do **II INTEGRASOL**. Esse evento aconteceu durante todo o dia. Participaram 10 Empreendimentos Econômicos Solidários e 12 entidades de assessoria, com a presença de 50 pessoas. Foi

criado, nessa data, o Fórum de Economia Solidária de Guarabira e Região.

Um outro projeto, desenvolvido também em 2018, não pode ser esquecido. O projeto Mulherar - o bom combate consistiu numa iniciativa que se propôs a realizar o acompanhamento, pelo NUCAES, de três grupos de mulheres da cidade de Guarabira para proporcionar seu fortalecimento e estruturação da atividade. As Mulheres Guerreiras do Mutirão, egressas do Mulheres Mil, produtoras de sabão artesanal a partir de óleo reciclado, técnica que haviam aprendido no curso que haviam feito em 2014, tiveram a criação do logotipo do grupo e do produto impressos nas camisetas e nos rótulos.



Figuras 17 e 18 – Logomarca do Grupo Mulheres Guerreiras do Mutirão e rótulo do sabão artesanal produzido pelo grupo. Fonte: arquivos do NUCAES

O grupo Mulheres Leal do Rosário, produtoras de panos de prato artísticos com barras em macramê, foi agraciado com oficina de pintura em arte *naif*, passando a integrar a nova ordem artística da cidade que se propõe a vir a ser a capital mundial da arte *naif*. E as mulheres caboclas, com oficina de gastronomia, passaram a integrar a Rede Cozinhas da Terra. Durante os meses do projeto de extensão, os encontros, as oficinas, as rodas de conversa tiveram como objetivo o fortalecimento da autonomia dos grupos, de forma a levá-los a buscar soluções para seus próprios problemas e necessidades.

Ainda que autonomia seja algo em processo contínuo de construção, o fato de os grupos terem participado de outros projetos concomitantes do NUCAES - o INTEGRASOL e a constituição do Fórum Regional de Economia Solidária - ajudou a enriquecer o amadurecimento da es-

truturação dos grupos. Nesse sentido, os resultados alcançados, assim como todo o processo extensionista ocorrido, tomaram proporções inesperadas: percebemos que, enquanto grupos produtivos da economia solidária, o aprendizado organizacional se deu não somente através da nossa intervenção propriamente na área de gestão, mas da ajuda que foi possível oferecermos na consolidação e aperfeiçoamento dos produtos, assim como do relacionamento com outros grupos da região e da construção de uma organização mais ampla, o fórum regional. Esse fortalecimento levou a uma ampliação da visão de mundo nos negócios, mas também no papel da mulher na sociedade levando-as a se integrarem ainda mais aos movimentos de mulheres, já fortes na Paraíba.

4.2.5 Atuação em 2019

O Projeto Jornada Cidadania nas Escolas e Comunidades consistiu em um programa de extensão composto por ações que buscaram direcionar esforços para responder a demandas da comunidade externa ao IFPB e ao NUCAES. Dessa forma, o projeto teve o objetivo de dar continuidade a atividades que já vem sendo realizadas desde 2015, por meio da promoção de espaços de diálogos e rodas de conversas entre os Empreendimentos Econômicos Solidários e discentes do campus IFPB Guarabira. Vale destacar que a metodologia utilizada para guiar nossas ações se baseou na Jornada Cidadania nas Escolas, uma tecnologia social desenvolvida pelo Laboratório Betinho da Coppe/UFRJ. Com isso, foram realizadas três ações de extensão: I) o Papo Reto; II) O III INTEGRASOL; e III) Oficinas Temáticas.

4.2.5.1 Papo reto

O Papo Reto consiste em um espaço de diálogo entre os jovens com a finalidade de discutir questões do cotidiano como políticas, sexualidade e outros assuntos. O objetivo é dar voz aos jovens, possibilitando que expressem suas opiniões, tirem suas dúvidas e garantindo a todos que estão no lugar terem oportunidade de falar sobre o tema a ser discutido naquele momento. Dessa forma, promover encontros com participação estudantil nas rodas de conversa, em busca da formação do pensamento crítico e político dos estudantes é de fundamental importância.

Os temas para discussão são sugeridos pelos próprios estudantes e são escolhidos por meio de intervenções feitas no *Campus* e por votação feita em redes sociais digitais. Logo que o tema é escolhido, é convidado um especialista da área ou alguém que tenha um conhecimento mais profundo sobre o tema definido. O encontro registrado na Figura 19 foi realizado no dia 27 de agosto de 2019, no IFPB *Campus* Guarabira.

Na ocasião, foi abordado o tema assédio e a reunião contou com a participação de 18 discentes dos cursos técnico em Informática, Contabilidade e Edificações, juntamente com Clarissa Cecília Ferreira Alves, docente e representante do Núcleo de Combate ao Assédio (NUCA) do Campus Guarabira, e a Coordenadora de Ações Inclusivas da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, Larissa Cossetti. Foi um espaço de debates no qual os alunos tiveram a oportunidade de se expressarem e sanarem suas dúvidas sobre o tema.



Figura 19 – Roda de conversa do Projeto Papo Reto no IFPB - Campus Guarabira. Fonte: arquivos do NUCAES

Os encontros foram realizados na instituição no período da tarde, por ser um horário em que não há aulas, envolvendo alunos e docentes da instituição. Dessa forma, além de considerar os tempos livres de aulas, também levamos em conta outros projetos do NUCAES e atividades do campus. Dessa forma, ao longo de 2019, conseguimos realizar quatro encontros sobre os seguintes temas: Ansiedade (realizado em 11/06/2019); Assédio (realizado em 27/08/2019); Saúde Mental (realizado em 24/09/2019); e Gênero e Sexualidade (realizado em 29/10/2019)

Compreendemos que esses espaços de diálogo no ambiente escolar podem favorecer o reconhecimento das diferentes realidades, gostos, culturas, afinidades e também para que a juventude se sinta acolhida, independentemente de suas “indiferenças”.

4.2.5.2 III INTEGRASOL

O INTEGRASOL é um evento destinado à integração dos grupos de produção ligados à economia solidária. Tem uma proposta formativa, buscando reunir os trabalhadores, organi-

zações que atuam com assessoria e agentes públicos para compartilharem suas demandas e expectativas. Esse espaço de formação é oferecido pelo NUCAES e IFPB *Campus* Guarabira que atuam como agentes fundamentais para estímulo à autonomia e autogestão desses empreendimentos. O processo de construção é contínuo, tendo em vista a trajetória de evolução percebida nos encontros anteriores, que servem de espelho para encaminhar soluções aos desafios enfrentados em cada momento.

Sendo assim, o INTEGRASOL tem a missão de esclarecer a situação econômica e social em que estamos vivenciamos para estabelecer o contato com a realidade do país e, nesse sentido, os empreendimentos assumem a responsabilidade de agir em prol da transformação da comunidade em que estão inseridos, trazendo benefícios ao coletivo. É possível observar a importância dos debates e relatos de experiência apresentados ao longo do evento, pois promovem o sentimento de apropriação por parte dos participantes como estímulo para que se sintam motivados a buscar estratégias e outras formas de atuar em sua comunidade. Além disso, o evento possibilita o acesso às informações de interesse da classe, por meio de representantes das secretarias de apoio aos Empreendimentos Econômicos Solidários que reafirmam o compromisso do Estado em relação às demandas, ações de intervenção, melhorias, entre outros encaminhamentos relevantes.



Figura 20 – Registro de encerramento do III INTEGRASOL 2019. Fonte: arquivo do NUCAES

No dia 13 de dezembro de 2019 foi realizado o III INTEGRASOL, que contou com a participação de 32 pessoas representando Empreendimentos Econômicos Solidários, Organizações de Sociedade Civil (OSC's), Gestores do Política Públicas, entre outros. A terceira edição do evento foi realizada no povoado Cruzeiro de Roma, distrito da cidade de Bananeiras, localizado na mesorregião agreste da Paraíba e sua articulação se deu a partir de reuniões com o Fórum de Economia Solidária de Guarabira e região, NUCAES/IFPB e várias outras organizações de assessoria popular e finanças solidárias.

As atividades contaram com participação de diversas organizações e parceiros sociais. Pela manhã, tivemos uma análise de conjuntura pelo Professor Severino Lima (Xangai), da UFCG. Em seguida, Paulo Sérgio dos Santos, da Cooperativa dos Sociólogos Solidários (COOPSOL), auxiliou os participantes do evento a realizarem um levantamento de demandas para 2020 a partir da aplicação da técnica Árvore de Problemas. Dando continuidade, foi disponibilizado um tempo para uma roda de conversa entre Empreendimentos Econômicos Solidários e organizações. Fechando as atividades, Agnaldo de Vasconcelos Silva fez uma apresentação das ações promovidas pelo Fórum Regional em 2019. À tarde, os empreendimentos participaram da feira Vó Corina, no povoado Cruzeiro de Roma, onde puderam expor e comercializar seus produtos compostos por artesanatos, lanches, cordel, apresentação artísticas e outros.

4.2.5.3 Oficinas temáticas

Nesse projeto, foram ofertadas duas oficinas: uma durante a IV Semana de Educação, Ciência e Tecnologia (IV SEDUCITEC) do IFPB *Campus* Guarabira e outra em uma turma do curso Gestão Comercial. As atividades realizadas tiveram como objetivo demonstrar, na prática, como funciona a economia solidária.

As oficinas tiveram uma duração de cerca de três horas cada e contaram com a participação de bolsistas, voluntários e parceiros sociais do NUCAES. Foram realizadas atividades como dinâmicas de grupo, simulação de funcionamento de uma empresa tradicional e de uma cooperativa.

As atividades realizadas foram previamente idealizadas de forma a estimularem várias habilidades e competências como trabalho em equipe, colaboração, criatividade, improviso, comunicação, tomada de decisão, entre outras. No geral, atividades mostraram-se muito proveitosas, pois permitiram aos participantes vivenciarem outras formas de organização e produção de trabalho e renda com a economia solidária.

4.2.6 Para 2020 em diante....

Com as experiências conquistadas nesses cinco anos de atuação, o NUCAES possibilitou o fortalecimento de suas parcerias sociais, assim como ampliou a sua rede de parceiros, sempre

tendo em vista a assessoria na área da Economia Solidária aos empreendimentos cooperativistas solidários caracterizados pela prática da autogestão e pelo vínculo no exercício dos dez princípios básicos da economia solidária. Dessa forma, atendemos demandas de grupos populacionais que se caracterizam pela vulnerabilidade social, estabelecemos parcerias com entidades que prezam pelos mesmos valores – os princípios básicos da economia solidária – de maneira que hoje atuamos conjuntamente com a Incubadora de Tecnologia Social Economia Social da Proexc – IFPB (INCUTES), a Incubadora de Economia Solidária da UFPB (INCUBES), a Secretaria Estadual de Economia Solidária, SEDUP, CÁRITAS e UNICAFES, e ocupamos cadeiras nas coordenações dos fóruns de Economia Solidária tanto em níveis regional e estadual no papel de entidade de apoio.

Estabelecemos um acordo com a INCUBES e a UNICAFES com o intuito de construir um Núcleo Estadual de Educação em Economia Solidária, cujo primeiro produto educacional deverá ser o Manual Digital de Contabilidade Básica para os Empreendimentos Econômicos Solidários que deverá ser ofertado por nosso projeto de extensão ainda em 2020.



Figuras 21 e 22 – Registro da oficina realizada durante IV SEDICITEC e registro da oficina no Curso de Gestão Comercial. Fonte: arquivos do NUCAES

4.2.7 Perspectivas para o futuro: a construção do LABMAKER

Os alunos dos diversos cursos do IFPB *Campus* Guarabira, a partir dos conhecimentos apropriados no instituto e nas vivências sociais e que levem à criação de elementos inovadores e, conseqüentemente, a mais pesquisas e conhecimentos, com ferramentas necessárias e orientação norteadora, em constante relacionamento com outros espaços que adotam uma maneira de aprendizado que esteja em aliança ao fazer.

Fica claro que o advento da cultura *maker* vem suprir lacunas que, até então, não eram preenchidas na elaboração e cumprimento de projetos, principalmente aqueles que apresentavam aos estudantes uma necessidade de construir, durante o período de cursando, uma postura colaborativa, de tentativas, e proativa na oferta de um produto físico ou lógico que realizasse a satisfação de um demandante, seja no dia a dia, no ambiente educacional ou no contexto profissional. Essa proposta está em desacordo com modelos anteriores, em que o aluno recebe conteúdo estabelecido, material pronto e, quando existe a necessidade de tecnologia, compra o modelo industrial. Mas para tal propositura de adoção de um modelo inovador, se faz necessário o espaço, com todo equipamento fundamental para servir na construção dos projetos, e estes são os LabMaker. E, ao partir de projetos de extensão anteriores realizados por alunos do campus IFPB *Campus* Guarabira e que foram acompanhados a exemplo da assessoria do NUCAES, os Empreendimentos Econômicos Solidários expõem uma verdadeira gama de atividades que vão da produção de produtos alimentícios, produtos de higiene, agricultura familiar, artesanato, reciclagem e serviço de comunicação e bancos de desenvolvimento comunitário, e estes ainda estão necessitados de maiores melhorias em seus processos de produção ou operação. E o processo de construção interdisciplinar colaborativo de tecnologias em um espaço *maker* é algo importante para os alunos do IFPB consolidarem um acompanhamento eficiente e que cumpra seu papel de impactar na sociedade, no mundo do conhecimento e do trabalho.

5 À GUIA DE CONCLUSÃO

A extensão como prática da autonomia pressupõe que a formação para a autonomia aconteça a toda hora, o tempo todo, em todos os lugares, posto que o exemplo é sua maior arma. Toda vez que estamos conseguindo dar um bom exemplo de prática de autonomia, estamos sendo educadores/educandos. Mas quando se coloca como objetivo a ser atingido a construção dessas práticas, em uma gestão de um determinado empreendimento de cunho econômico [pois se trata de economia _____ ou seja _____ produção, circulação, consumo _____ e bens e serviços], o foco fica ainda mais direcionado. Trata-se de uma escolha. Portanto, racional. Portanto, feita de livre escolha. E coletiva. Em grupo. Solidariedade pressupõe ação entre pares. Entre sujeitos conscientes, livres, que decidiram por conta própria, por livre arbítrio, por decisão própria, reconhecer o outro como seu parceiro legítimo naquela interação, participar de um grupo que tem esse objetivo explícito: a autogestão. O grupo é autogestionário. Autogestionado. Todos assumem a responsabilidade pelas consequências advindas das decisões tomadas por aquele coletivo.

Consciência, liberdade e responsabilidade andam juntas, par a par, e são interdependentes, porque só pode ser responsabilizado aquele cuja ação foi tomada de livre arbítrio e em pleno estado de consciência, ou seja, quanto maior for o conhecimento e o envolvimento de clareza mental daquele que participa da tomada de decisões, maior a liberdade de decisão e maior a assumpção da responsabilidade.

A consciência é uma dimensão do ser humano em constante estado de ampliação. O mundo é dinâmico, as relações dialéticas e o movimento do alargamento da visão de mundo, da compreensão e da construção coletiva é constante. Faz parte de uma formação contínua quando é colocado como objetivo das dinâmicas do grupo. O ser humano em constante estado de educação e aperfeiçoamento.

Nossa pedagogia marca uma opção teórica pautada em Paulo Freire, como o próprio termo nos deixa transparecer. Mas ultrapassa e vem a encontrar eco em Umberto Eco, em seu texto de 1995 – O Fascismo Eterno – para pautarmos teoricamente nossa prática do ano de 2019, primeiro ano da era dos absurdos, durante o qual desenvolvemos a assessoria ao Fórum, assessoramos as Mulheres Guerreiras do Mutirão, as Mulheres Caboclas, as Mulheres Leal do Rosário, aperfeiçoando produtos, criando logomarcas, rótulos e *designs*, no exercício da autogestão, nos apropriando coletivamente da gestão dos meios de produção, de produtos produzidos, criados, aperfeiçoados por nossas mulheres. Não há como não pautar a questão de gênero. Nossas mulheres realmente constroem um mundo novo. A economia solidária no campus Guarabira nasceu do Mulheres Mil, organizou-se nas feiras, no INTEGRASOL, nas assessorias, nos projetos e se provou resistência política aos desmandos/desmanches do país em 2019, no MULHERAR. Através do MULHERAR, que é o Mulheres Mil com cinco anos, em Guarabira,

o NUCAES realizou, no ano de 2019, um belo trabalho de resistência/cocriação de um mundo novo, “mais justo, igualitário...” etc e tal, tal, como consta da missão do IFPB.

E agora?! 2020... Pandemia e isolamento social.

Eis-nos quase aqui vindos pelo longo caminho que antecede nossos passos.

Construímos o Núcleo Estadual de Educação em Economia Solidária (NECSOL), uma parceria NUCAES/Incubadora de Empreendimentos Solidários (INCUBES)/ União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária (UNICAFES NACIONAL).

Construímos o PNAE. O campus Guarabira adere ao Programa Nacional de Alimentação Escolar e o NUCAES, enquanto participante da Coordenação do Fórum de Ecosol, coloca a agricultura familiar na alimentação de nossos alunos. Essa questão do PNAE é somente a ponta do iceberg que se apresenta à rede federal de educação tecnológica em forma de demanda da sociedade, vinda em forma de grito, de eco, de berro, de pedido de socorro: “Livre-nos do ácido fólico”. Ensina-nos a nos garantir a segurança alimentar. Ensina-nos a escolher a agricultura familiar sem agrotóxicos em vez de consumir venenos químicos vendidos nas prateleiras dos supermercados e das farmácias.

Essa é uma demanda! Em tempos de pandemia!

Outra demanda que se coloca ao NUCAES, portanto, à Diretoria de Extensão do Campus Guarabira, é a assessoria aos catadores de resíduos sólidos. Quem traz explicitamente essa demanda é Deninho, nosso grande parceiro social, com quem pretendemos trabalhar junto nos próximos anos de nossas vidas, na profissionalização dos catadores de resíduos sólidos, neste momento histórico da Paraíba, de construção de aterros sanitários e fim dos lixões no Estado.

A implementação da lei do resíduo sólido no país, que representa um salto quântico no pacto de civilidade da nação brasileira, diz respeito diretamente ao trabalho de todos – eu disse TODOS - os professores de engenharia de produção lotados no IFPB - *Campus* João Pessoa a se postarem a serviço de meus amigos catadores de resíduos sólidos, Egrinalda do Cata Jampa, minha grande parceira social, e Deninho, de Pirpirituba, para que nossos amigos possam se profissionalizar nas artes da logística reversa. Nosso sabão ecológico virou herói. Quem vence o vírus é o sabão. Nosso Sabão Guerreiro já havia se antecipado. Quem poderia imaginar que uma oficina de fazer sabão dada por Lúcia, num sábado chuvoso, naquela escola do Mutirão, quando fosse em 2020, cinco anos depois, se revelaria um guerreiro valente, fundamental, na vitória que estamos todos esperando alcançar neste ano de 2020.

Os sonhos é o que virá.

O Caboclo já é o grande *point* de Guarabira. Agora, vamos investir em um projeto de turismo comunitário. Velho sonho de Graça. Amada Graça, Isabel, todxs os meninxs caboclx. Transformar o Maciel numa rota turística. A caminhada do Maciel. Sair de Sampa, depois de uma cerveja gelada, é claro. Meditar na igrejinha do Maciel. Almoçar no Caboclo... Devemos fazer uma

rede: um tríduo de trilhas ecológicas, na Paraíba. A trilha de Luciana, no Vó Maria, estrela dos meus olhos. A trilha da Vó Corina, em Bananeiras, onde meu coração bate forte com Sr. Luiz, e a trilha do Maciel, com sordas do forno do Caboclo e a alegria feliz de Jorge. Tudo muito bem temperado com a pimenta do Leonel e bem lavado com o Sabão Guerreiro e, de lembrança, você leva o pano de prato das Mulheres Leal do Rosário, com barrado de macramê e pintura em tecido de arte *naïf*, produto típico da deliciosa cidade de Guarabira, capital internacional da arte *naïf* e onde, antes de se aventurar pelas trilhas, tanto do Maciel, quanto de Roma, em Bananeiras, é claro que você se deliciou no Museu de Arte Naïf de Guarabira, que é a coisa mais gostosa do mundo em termos de passeios turísticos eco-culturais.

Os galpões do Caboclo terão se transformado em um Armazém do Campo, onde o consumidor terá acesso a toda produção da economia solidária/agricultura familiar paraibana, sendo um ponto chave na distribuição dos produtos, via rede física e virtual construída pelo movimento com a assessoria do NECSOL e a co-operação dos professores de logística do IFPB e dos professores de TI na construção de uma rede de distribuição de mercadorias da economia solidária/da agricultura familiar junto ao Fórum de Economia Solidária da Paraíba, em parceria com os núcleos de João Pessoa e Campina Grande, constituindo, assim, a INCUTES/PROEXC na consolidação de sua proposta de uma política de incubação, via núcleos de extensão no IFPB.

Os sonhos são muitos...As possibilidades infinitas...O momento rico...As demandas muitas.

Bora arregañar as mangas que a reunião de hoje vai ser das boas. Vamos começar um processo de formação interna com os membros do NUCAES.

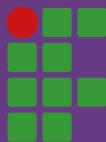
Te vejo no próximo INTEGRASOL. Esse ano, virtual...Final dos tempos!





OS OUTROS TÍTULOS DA COLETÂNEA REDE RIZOMA

- 1 – Ainda é tempo de viver: núcleo de extensão do IFPB**
- 2 – Núcleo de Extensão Possibilita: ações e vivências no sertão da Paraíba**
- 3 – IMERGIR, VIVENCIAR, COMPARTILHAR: reflexões a partir da prática extensionista**
- 4 – Núcleo de Extensão De Mãos Dadas Com a Comunidade (DEMADC): desenvolvendo ações educativas no Município de Cabedelo - PB**
- 6 – Edificar: núcleo de extensão**
- 7 – NECCOM: pelas trilhas da cultura e da cidadania**
- 8 – Registros e memórias das produções extensionistas artístico-musicais do IFPB *Campus* João Pessoa**



**INSTITUTO
FEDERAL**

Paraíba

Pró-Reitoria de
Extensão e Cultura



ISBN 978-65-87572-17-8

**Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
Rua das Trincheiras, n° 275 Centro
CEP - 58011 - 000
João Pessoa - PB**

**E-mail:
proexc@ifpb.edu.br**